

Quando *Sherlock Holmes* se torna *Dr House*: a transposição do universo literário através da qualificação e da metáfora

Fabiana Julio Ferreira¹

RESUMO

O presente artigo pretende partir da visão de qualificação proposta por Charaudeau para analisar a construção do personagem de Sherlock Holmes, criado por Sir Arthur Conan Doyle. Vê-se no personagem principal do seriado televisivo *House* uma metáfora do detetive londrino e pretende-se explicar a ocorrência desse fenômeno linguístico com os estudos VI e VII de Ricoeur (2000). Após a definição desse processo, pretende-se analisar o modo como foi feita a transposição do universo verbal (literário) de Doyle para o universo visual e hospitalar da série de TV, por meio do estudo dos diálogos e das imagens.

Palavras-chave: Qualificação. Metáfora. Narrativo. Descritivo.

1 INTRODUÇÃO

Vemos, nos dias de hoje, que é cada vez mais comum a adaptação de obras literárias para a televisão ou cinema, sendo transformadas em seriados ou filmes. Um dos mais recentes exemplos disso pode ser encontrado na obra de grande repercussão e extrema popularidade de George R. R. Martin, **Game of Thrones**, cujo número de seguidores aumenta a cada dia.

Embora tais adaptações, sejam, de acordo com Hutcheon (2006), características do pós-modernismo, não constituem fenômenos recentes e podem ser encontrados abundantemente em diversos meios, inclusive em HQs. Ainda segundo a autora canadense, “no trabalho da imaginação humana, adaptação é a norma, não a exceção” (HUTCHEON, 2006, p.177). Essa afirmação explica, por sua vez, a grande quantidade e frequência com que clássicos da literatura têm passado por tal processo e nos sido apresentados, novamente, em outras roupagens.

Os casos mais frequentes talvez estejam presentes na TV inglesa como, por exemplo, a BBC de Londres, para a qual clássicos da literatura são amplamente adaptados e aclamados por público e crítica. Recentemente, a obra literária que relata as aventuras de Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle, tomou vida no seriado simplesmente intitulado **Sherlock**.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ.

Interpretado por Benedict Cumberbatch, o famoso detetive conduz três temporadas compostas por apenas três episódios de noventa minutos cada, sempre ao lado de seu melhor amigo, Dr John Watson, vivido por Martin Freeman. O papel rendeu um prêmio Emmy de Melhor Ator em Série Televisiva para Cumberbatch que, anteriormente, era mais conhecido por sua voz de barítono e por suas narrações de documentários.

No cinema, Holmes foi mais recentemente interpretado por Robert Downey Jr., o que também resultou em uma premiação (Golden Globe Award) para o ator. Tendo Jude Law no papel de Watson, o filme foi tão bem sucedido a ponto de ter uma continuação em 2011.

Com mais de duzentas versões diferentes, as histórias de Sherlock Holmes parecem ter sucesso garantido. Entretanto, é curioso que uma de suas mais famosas adaptações não seja lembrada como tal. Com oito temporadas, totalizando 177 episódios de aproximadamente quarenta minutos cada, **House MD**, ou simplesmente **House**, é um seriado televisivo norte-americano que foi ao ar de 2004 até 2012, nos EUA. Nesse período, o seriado ganhou nove prêmios de treze das indicações que recebeu do People's Choice Awards (premiação americana em que o vencedor é apontado por votação popular). Quatro desses prêmios foram recebidos por melhor série dramática, três como melhor ator (Hugh Laurie), um por melhor atriz (Lisa Edelstein) e um por “médico favorito da televisão”.

A princípio, a afirmação de que **House** é uma adaptação da história de Holmes pode parecer estranha, mas ambas as obras apresentam um grande grau de intertextualidade que aparece por meio de alusões, de referências e de reapropriações.

Nesse contexto, o presente estudo propõe, a partir da qualificação do personagem de Sherlock Holmes, como a definida por Charaudeau (2008), a analisar a transposição do verbal, na obra literária de Arthur Conan Doyle, para o visual, no universo do sarcástico médico de Nova Jersey, constituído de imagens e diálogos². Além disso, baseando-nos nos levantamentos de conceitos de metáfora, conforme considerado nos estudos VI e VII de Ricoeur (2000) em **A metáfora viva**, buscamos explicar a interseção existente entre as duas obras como resultante da iconicidade desse fenômeno.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Modos descritivos e narrativos

² Diálogos de tradução nossa. Fonte: House Transcripts. Disponível em: < <http://clinic-duty.livejournal.com/12225.html>> Acesso em: 14 jan. 2015

Baseando-nos nas características de Sherlock Holmes, faremos uma correlação entre ele e o personagem principal do seriado **House**. Para que isso seja feito, entretanto, é primordial para este estudo apreender a forma como tal caracterização é feita pelo escritor, o que nos leva a avaliar se o amado detetive é arquitetado através da descrição ou da narração do autor inglês.

Segundo Charaudeau (2008), muito se faz para se tentar diferenciar o modo descritivo do modo narrativo sem muito êxito. Primeiramente, há pouca diferenciação feita entre “descrever” e “contar”; em segundo plano, há grande confusão entre a finalidade de um texto e a forma como este é organizado; e, por último, não se podem atrelar marcas linguísticas (como o uso de determinados tempos verbais) exclusivamente a um tipo de modo discursivo. Além disso, seu estudo mostra que descrição e descritivo são fenômenos diferentes: o primeiro consiste no texto em si e é o resultado de um processo, enquanto o segundo revela o modo de organização do processo do discurso.

O modo descritivo sugere que quem descreve também lança mão de três ações: nomear (atribuir existência a um ser), localizar-situar (estabelecer “quando” e “onde” um ser está) e qualificar (dar qualidades que identificam/definem um ser) (CHARAUDEAU, 2008), sendo todas de suma importância para a caracterização do personagem de Sherlock Homes.

Já o modo narrativo remete a um procedimento discursivo que constrói um relato dinâmico, não constituindo apenas a descrição sequencial de ações reais ou fictícias. Quem narra “desempenha o papel de uma testemunha que está em contato direto com o vivido” (CHARAUDEAU, 2008, p.157). Além disso, o modo narrativo pode ser organizado de acordo com a lógica narrativa, que está voltada para o mundo referencial, ou de acordo com a encenação narrativa, que constrói o universo narrado (CHARAUDEAU, 2008, p.158).

Com relação ao ponto de vista do narrador, Charaudeau (2008) menciona a proposta de J. Pouiloin (*apud* CHARAUDEAU, 2008), que caracteriza, primeiramente, a “visão por detrás”, em que o narrador é onipresente, sabe mais e diz mais que o personagem; em segundo plano, a “visão com”, em que o personagem é o narrador do discurso; e, por último, a “visão de fora”, em que o narrador não é o personagem, mas é limitado ao que este vê.

Voltando ao modo descritivo, este pode ser configurado por identificação, procedimento discursivo em que cabe o real fato de dar nomes aos seres do mundo. Outros dois procedimentos se dão quanto à construção de mundo, sendo ela objetiva ou subjetiva. Quando da primeira, quem conta a história faz uso de traços da verdade do mundo em que

vive que podem ser verificados; quando da segunda, ele constrói um universo “relativo ao imaginário pessoal do sujeito” (CHARAUDEAU, 2008, p. 125).

Dada a caracterização de cada um dos modos, percebe-se que a proposta da narração de uma história não significa que não haja momentos em que o modo descritivo seja usado. É comum que a descrição ou o modo de organização descritivo seja necessário, logo, retomando o modo narrativo. Tal fenômeno demonstra que há possibilidade/necessidade de uma real alternância entre essas duas visões de mundo. Por isso, Charaudeau (2008) considera o contador de história como não sendo simplesmente um narrador, mas um narrador-descritor, noção primordial para este trabalho.

Considerando as características que identificam o personagem Sherlock Holmes, a qualificação característica do modo descritivo será de suma importância para este estudo.

2.2 Metáfora

De forma abrangente, pode-se entender a metáfora como um fenômeno de discurso que tem caráter predicativo, sendo, também, altamente descritiva (RICOEUR, 2000). Mais do que se referir ao objeto, a metáfora descreve-o, provando, assim, seu caráter icônico como um processo significativo baseado na semelhança entre signo (significante) e objeto (significado) (SANTAELLA, 2012).

Para início deste estudo, é importante a definição do conceito de metáfora considerado aqui como fonte para análise. De uma forma mais simplória, Lakoff e Johnson (1980) definem o fenômeno metafórico como a visão de “alguma coisa em termos de outra coisa” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 4). Com base em **A metáfora viva** de Paul Ricoeur (2000), compreende-se como é dada a metáfora de Sherlock Holmes em House.

Ricoeur (2000) foi um grande filósofo francês que se interessou pelo fenômeno da metáfora e pelo modo como ela ocorre, desenvolvendo, assim, uma teoria filosófica sobre tal processo. Em um estudo dividido em oito partes, Ricoeur (2000) vai desde a retórica e poética em Aristóteles até a metáfora como discurso filosófico, dialogando, no processo, com diversos outros pensadores para elaboração de sua teoria.

O estudo VI é de especial interesse para este projeto, por tratar do trabalho da semelhança, que pode levar a uma visão errônea de metáfora. Baseando-se em Paul Henle (*apud* RICOEUR, 2000), Ricoeur vê o caráter icônico da metáfora e percebe que esse não exclui seu caráter predicativo. A partir do fenômeno metafórico, segundo Burke (*apud*

RICOEUR, 2000), vemos alguma coisa em termos de outra coisa, já que, ainda de acordo com o autor, uma metáfora diz algo a respeito de um personagem considerado do ponto de vista de outro personagem.

Baseado em Henle (*apud* RICOEUR, 2000), o processo de metáfora feita à semelhança se torna logo uma concepção que se perde, faz perder o interesse. Se a semelhança não é de grande valia, então não é importante que A pareça com B. Assim, podemos pensar na referência que pode haver entre objetos, nos levando ao estudo VII. Para Ricoeur (2000), existe referência metafórica a partir do argumento da proporcionalidade³, em que “a outra referência metafórica, a que buscamos, seria para a nova pertinência semântica o que a referência abolida é para o sentido literal que a impertinência semântica destruiu” (RICOEUR, 2000, p. 351). A semelhança acaba gerando uma nova “maneira de ser”.

A seguir, Ricoeur (2000) se baseia em Goodman (*apud* RICOEUR, 2000) para vislumbrar a transferência ocorrida com o uso da metáfora como não sendo apenas predicativa, mas também, que será de grande interesse para a questão da adaptação da literatura para televisão, a de um “reino” inteiro (RICOEUR, 2000, p. 360)⁴.

Nesse contexto, pode-se confundir aqui o conceito de metáfora e parábola. Entendemos a última como da visão de Sant’anna (2003), em que o discurso é reapropriado de forma negativa ou caricata, na qual se é tomada uma consciência crítica (B é uma visão negativa e exagerada de A), tornando-se, assim, diferente da metáfora, na qual B é como A.

Com esse arcabouço teórico, buscamos entender como procede a identificação do personagem Sherlock Holmes e como se dá sua adaptação americana.

3 HOUSE E HOLMES

Nesta seção, será feita a análise da transposição de um Sherlock Holmes unicamente literário para sua metáfora na tela de televisão. Para que isso seja feito, conforme arcabouço teórico deste projeto, consideraremos Sir Arthur Conan Doyle um narrador-descritor, como denominado por Charaudeau (2008). O foco ocorre em sua capacidade de qualificação descritiva para identificação do detetive que, de acordo com a qualificação baseada em seu

³ A é para B o que C é para D (RICOEUR, 1989)

⁴ “Falar da sonoridade de uma pintura não é mais fazer emigrar um predicado isolado, mas assegurar a incursão de todo um reino sobre um território estrangeiro.” (RICOEUR, 2000, 360).

processo descritivo (e narrativo), nos leva à criação do personagem tão querido da literatura inglesa.

Na narrativa sobre as aventuras de Sherlock, o narrador é personagem (“visão com” de Pouillon (CHARAUDEAU, 2008)): o Dr. Watson. Formado em medicina, o médico segue para a segunda guerra no Afeganistão, onde acaba sendo ferido no ombro e tendo que dar baixa de seus serviços (ao longo da obra, o problema de Watson acaba sendo transferido para sua perna). Com sua dispensa, John Watson se vê sozinho em Londres, com uma pequena renda provida pelo exército britânico, vivendo uma existência preguiçosa e “sem sentido” (DOYLE, 1887, p.14). Ao perceber que seu orçamento não o permite viver muito mais tempo sozinho em uma cidade grande, Watson procura alguém com quem possa dividir as despesas, sendo, por isso, apresentado ao nosso personagem principal.

Químico excelente, seu interesse por trabalhar e fazer experiências com sangue e/ou cadáveres deixa John Watson confuso quando ouve falar de Sherlock Holmes pela primeira vez, confundindo-o com um estudante de medicina. Concordando em compartilhar um modesto apartamento em Londres com Holmes, localizado em Baker Street, 221B, Watson se vê intrigado e até mesmo fascinado com a diferente personalidade de seu amigo. Holmes é considerado, por muitos, um sujeito um tanto quanto diferente e difícil de lidar. A descrição feita por Stamford, amigo de Watson, sobre o detetive mostra que as atitudes de Holmes nem sempre agradam os mais próximos, como se vê a seguir:

Holmes é demasiado científico para o meu gosto. Aproxima-se da frialdade. É o tipo do sujeito que faz um amigo ingerir uma pitada do último alcaloide vegetal, não por maldade, entenda, mas por espírito de investigação, porque quer ter uma ideia clara dos efeitos da droga. Por uma questão de justiça, é preciso que se diga que ele também estaria disposto a tomar o mesmo alcaloide com a mesma prontidão. Parece ter paixão pelo conhecimento exato e definido (DOYLE, 1887, p. 15).⁵

Sua cientificidade e “paixão pelo conhecimento exato e definido” fazem de Holmes um grande pesquisador. Trabalhando como um detetive consultor, Holmes se vale do que chama de Ciência de Dedução e Análise para solucionar casos difíceis para a polícia local. Sua habilidade é tamanha que Holmes consegue deduzir informações importantes sobre uma pessoa apenas em um primeiro olhar, sendo por isso que, mesmo detetives de organizações renomadas como Scotland Yard, procuram sua ajuda em situações insólitas. Entretanto, Watson se espanta ao perceber que seu amigo prefere não ir aos locais dos crimes, contando,

⁵ Tradução nossa.

muitas vezes, apenas com as evidências apresentadas por aqueles que o procuram para a solução dos casos. Sobre isso, o próprio Sherlock Holmes diz: “Eu sou o sujeito mais incuravelmente preguiçoso que já existiu.”⁶ (DOYLE, 1887, p. 26). Tal característica faz com que Holmes passe bastante do seu tempo em casa e, por seu brilhante poder dedutivo, raros são os casos em que ele considera dignos de sua presença na cena do crime.

Watson e Holmes se tornam melhores amigos e o médico parece ser, realmente, uma das poucas pessoas por quem o detetive demonstra algum tipo de apreço. Seu sarcasmo e arrogância acabam por afastá-lo das pessoas, exceto de Watson, que o admira profundamente. Sendo considerado por muitos um excêntrico de inteligência excepcional, Holmes não tem, segundo a concepção de Watson, noções básicas de mundo como, por exemplo, o que constitui o sistema solar. Além disso, o interesse que demonstra por questões tidas como mundanas, como a coluna de mensagens pessoais de um jornal, é visto como estranho.

Excelente tocador de violino, Holmes faz uso de morfina ou cocaína⁷ quando se sente entediado. Esse fato, a princípio, foi descartado por Watson como explicação para seus humores estranhos em que demonstrava um “olhar perdido” (DOYLE, 1887, p. 19) por não acreditar que o vício em qualquer tipo de droga, mesmo lícita (o caso da cocaína, na época) fosse condizente com a personalidade e vida do detetive. Holmes vê na droga uma fuga do tédio do dia a dia, não se importando com a crítica do amigo.

Através da detalhada, porém inicial explicação de Stamford pode-se perceber que Holmes é descrito, caracterizado ou, remetendo a Charaudeau (2008), qualificado.

Como visto na fundamentação teórica deste trabalho, qualificar ocorre dentro do modo discursivo descritivo, além de nomear e localizar-situar, e é definido por Charaudeau (2008) como a ação de fazer com que um ser “seja” (CHARAUDEAU, 2008, p. 117), o que dá ao narrador-descritor a capacidade de caracterizar um personagem dentro de uma construção subjetiva de mundo. Através da breve história contada nesta seção sobre o detetive consultor, podemos qualificá-lo como sendo: científico, apaixonado por conhecimento, dedutivo, excêntrico, arrogante, extremamente inteligente, preguiçoso, curioso por questões banais, violinista exímio, que se entedia com facilidade, viciado em drogas, morador de 221B, Baker Street, amigo de John Watson, nada ortodoxo em seus métodos investigativos. Como se dá, então, a qualificação de sua metáfora americana com o personagem House?

⁶ Tradução nossa.

⁷ Na tradução da obra de Sir Arthur Conan Doyle no Brasil, as menções sobre o uso de drogas foram omitidas.

O personagem Dr. Gregory House é um médico especialista em infectologia e nefrologia, responsável pelo departamento de diagnósticos do hospital universitário Princeton-Plainboro, em Nova Jersey, EUA. Conhecido por sua forma rude de lidar com as pessoas, o médico fez do sarcasmo em seus diálogos sua característica principal, o que causa vários transtornos e, muitas vezes, prazeres ao personagem.

Durante o seriado, vários personagens qualificam o médico como sarcástico. O próprio, inclusive, em uma breve análise de suas interações confirma que essa é uma de suas características mais recorrentes. No caso de Holmes, o uso de diálogos sarcásticos está bem marcado nas descrições-narrativas do autor, qualificando os enunciados emitidos por Holmes como sendo sempre ditos de forma: petulante, rude, sarcástica e arrogante.

De volta ao personagem da série americana, devido a um acidente ocorrido antes mesmo do início da série que ocasionou morte muscular em uma de suas pernas, House faz uso de medicamentos para dor (Vicodin), mesmo que muitas vezes exageradamente, e depende de uma bengala para se locomover. O uso de drogas lícitas e ilícitas é frequente por parte do personagem, mas é seu vício em Vicodin que o caracteriza, sendo uma referência ao uso de cocaína/morfina de Sherlock Holmes. No universo literário, essa qualificação (viciado) pode ser encontrada na crítica implícita da pergunta de Watson ao ver o amigo preparar a droga para uso, como segue:

Naquela tarde, contudo, não sei se por causa do *Beaune* que bebera no almoço, se por estar mais exasperado devido à extrema premeditação da sua atitude, senti repentinamente que não podia calar mais tempo.

- Hoje o que é – perguntei –, morfina ou cocaína? Levantou os olhos languidamente do velho livro que abria.

- É cocaína – respondeu – uma solução a sete por cento. Quer experimentar? (DOYLE, 1887, p. 97)

O vício de Holmes foi transposto para House também de maneira visual. Por isso, mais de uma vez em cada episódio House toma um comprimido estando sozinho ou na frente de colegas ou pacientes, como na imagem abaixo⁸:

⁸ As imagens retiradas de *House* foram aqui reproduzidas através da ferramenta *print screen*, por isso serão referidas como tendo sido elaboradas pela autora deste trabalho.



**Figura 1: House tomando Vicodin.
Fonte: Elaborada pela autora.**

Além disso, há referências sobre o uso do medicamento de forma indiscriminada e exagerada em alguns dos diálogos. Muitos deles, assim como o enunciado de Watson na citação anterior, trazem um tom de crítica velado. Como exemplo, apresenta-se a seguir um trecho ocorrido entre House e uma de suas funcionárias, o qual demonstra que o médico, muitas vezes, não só utiliza a droga em excesso como também se afasta do objetivo inicial: anestesiar a dor. Tentando fugir do trabalho se escondendo em casa, House se distrai usando Vicodin. Ao ser encontrado por sua funcionária, Cameron, o diálogo seguinte acontece:

House: Desculpe. Eu deveria ter tomado alguns Vicodins extras e te ignorado...
Cameron (olhando o rosto de House): Eu acho que você já tomou esses Vicodins extras... (House – Role Model)

Através do comentário de House, podemos entender que, além de analgésico, Vicodin também funciona, para ele, como forma de escapismo, ponto tal que nos remete à fuga do tédio de Holmes. House, assim como o detetive, não só assume seu vício como também não se incomoda com as críticas alheias, surgindo mais um ponto que contribui para a formação do médico como metáfora do detetive.

House também tem grande envolvimento e profunda amizade com o oncologista Dr. James Wilson, cujo escritório fica ao lado do seu e com quem passa grande parte de seu tempo livre (ver figura 2). Da mesma forma, Holmes tem com Watson, com quem divide um apartamento, grande afinidade (ver figura 3).



Figura 2: House e Wilson.
Fonte: Elaborada pela autora.



Figura 3: Holmes e Wilson
Fonte: BBC News, 2010⁹

As excentricidades de Holmes e seus estranhos gostos (considerados assim por, segundo os outros personagens, não refletirem sua genialidade, sendo tidos como de “menor” valor em relação à sua posição na sociedade) não deixam de ser refletidas no médico de Nova Jersey. Entretanto, ao invés de colunas pessoais no jornal, as atividades mundanas que House elege entre seus passatempos favoritos são novelas televisivas e vídeo games. No enunciado a seguir, quando um dos funcionários de House o procura para discutir um caso, House comenta:

House: Estou perdendo minha novela pra isso? (House- Love Hurts)

Além de mencionar várias vezes seu interesse por novelas (em especial a de nome General Hospital que se passa em um hospital), pode-se encontrar várias vezes o ponto em

⁹ Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/entertainment-arts-10725501>> Acesso em: 14 jan. 2015

que o visual deu voz ao verbal. Na figura a seguir, as mãos de House seguram uma TV portátil, na qual assiste a um episódio de Natal de seu *show* favorito:



Figura 4: House assiste a sua novela favorita
Fonte: Elaborada pela autora

Embora alguns dos dramas vividos pelos personagens ocorram de forma contínua ao longo das temporadas, o seriado pode ser assistido de forma aleatória, já que cada episódio apresenta uma história completa de pacientes específicos. Os casos que são levados a House são de pessoas que apresentam doenças, aparentemente, inexplicáveis. Assim como Holmes, House é procurado quando ninguém mais consegue solucionar o problema. De forma pouco ortodoxa, o médico prefere não encontrar ou ver seus pacientes sob a alegação de que “pessoas mentem”. Por isso, a única informação necessária está no prontuário. No diálogo, House enfatiza sua posição quando um de seus funcionários, Foreman, questiona o porquê de não falarem diretamente com o paciente:

Apresentado a seguir

Foreman: Não deveríamos estar falando com o paciente antes de diagnosticá-la?

House: Ela é médica?

Foreman: Não, mas...

House: Todo mundo mente! (House – Pilot)

Tal característica reflete a falta de disposição de Holmes, que culpa sua preguiça de visitar cenas de crime. Holmes acredita que os fatos são, geralmente, suficientes para solução do caso. No caso de House, o prontuário do paciente já é o bastante.

Além de suas atitudes, o médico apresenta um detalhe visual que, por si só, já o qualifica como incomum, isto é, como quem foge à regra: ele é o único médico que se recusa a usar jalecos e aparece assim, como pode ser visto na figura a seguir:



Figura 5: House e sua equipe.
Fonte: Elaborada pela autora.

Retomando o pensamento dedutivo de Holmes, a metodologia utilizada por House é a mesma. Entretanto, como a transposição para o mundo visual conta com outras ferramentas, o método de Holmes foi didaticamente demonstrado através do uso de um quadro branco onde House lista as informações necessárias sobre o paciente e seus sintomas para, depois, através de dedução e análise, chegar a um diagnóstico. O método é representado pela figura que se segue:

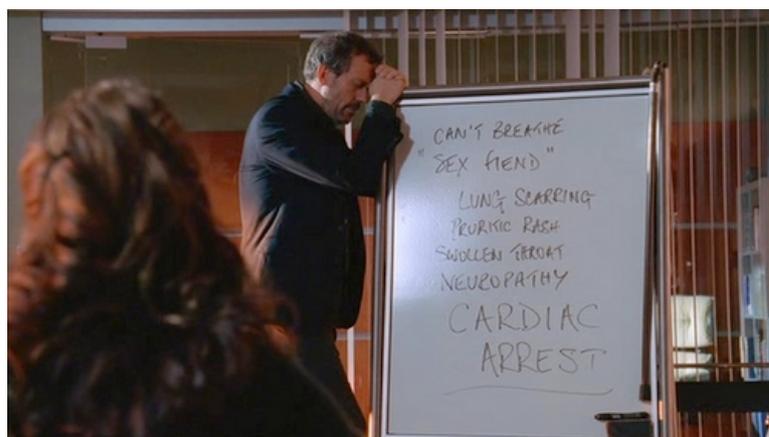


Figura 6: House e o quadro branco com lista de sintomas.
Fonte: Elaborada pela autora.

Através da análise dos dados e do histórico do paciente, House faz uso do método de raciocínio dedutivo, o mesmo de Holmes, para diagnosticá-los. Entretanto, como proposto por seu melhor amigo, Dr. Wilson, seu maior objetivo não reside na cura, mas sim na solução do “quebra-cabeça” que os sintomas exibidos, supostamente, formam. Tanto House quanto Holmes têm fascinação pelo conhecimento em si, o fato de a busca pela obtenção do saber ser salvar vidas e/ou solucionar crimes é apenas consequência.

A qualificação, como a proposta por Charaudeau (2008), é a responsável pela formação da personalidade que identifica Sherlock Holmes. Através desse fenômeno ocorrido no modo descritivo do universo literário e verbal de Conan Doyle, é dada a caracterização do personagem principal que é, depois, transposta para o mundo televisivo de House.

Além dos pontos citados, o criador do seriado televisivo, David Shore, já comentou as influências da obra de Conan Doyle em seu trabalho. Tem-se House e Wilson, ao invés de Holmes e Watson (vistos nas figuras 2 e 3, respectivamente). O maior inimigo de Sherlock é Moriarty, o mesmo nome do paciente que atirou em House no final da segunda temporada. Holmes é excelente tocador de violino, enquanto House toca guitarra, como se vê nas figuras 7 e 8, respectivamente.



Figura 7: Sherlock (BBC, 2010).
Fonte: The Guardian.¹⁰

¹⁰ Disponível em: < <http://www.theguardian.com/tv-and-radio/shortcuts/2012/jan/04/how-taught-sherlock-holmes-violin>> Acesso em: 14 jan. 2015.



**Figura 8: House tocando guitarra em seu escritório.
Fonte: Elaborada pela autora.**

Além disso, embora o endereço do médico nunca tenha sido mencionado na série, algumas cenas se passam em frente a sua casa. Uma delas é a figura apresentada a seguir, em que se vê o número da casa atrás do personagem Wilson:



**Figura 9: Wilson à frente da casa de House.
Fonte: Elaborada pela autora.**

A referência da fotografia anterior pode ser tida como uma ligação clara com Sherlock Holmes, cujo endereço é Baker Street, 221B.

Retomando a elaboração do conceito de metáfora de acordo com Ricoeur (2000), ou seja, de que esta descreve o objeto, podemos considerar que as semelhanças existentes entre os personagens House e Holmes acabam por exacerbar o caráter descritivo icônico da metáfora. Já que vemos alguma coisa em termos de outra coisa (LAKOFF; JOHNSON, 1980) é válido afirmar que podemos ver House nos termos de Holmes, sendo assim, uma nova “maneira de ser” para o detetive inglês.

Além disso, a partir do conceito de Goodman, o qual Ricoeur (2000) leva em consideração, a metáfora faz a transferência de um “reino” inteiro, por isso entendemos como procede a identificação do personagem Sherlock Holmes e como se dá sua adaptação para o “reino” de um hospital americano, percebendo que, nessa transposição, a metáfora de que House é como Holmes.

4 CONCLUSÃO

Ambos de grande popularidade, tanto **House** quanto as narrativas sobre Sherlock Holmes apresentam pontos em comum que, embora enfáticos, muitas vezes passam despercebidos pelos telespectadores e fãs do seriado. Através da análise do personagem Sherlock Holmes pela narração descritiva de Conan Doyle, é possível perceber o modo como Holmes foi caracterizado, resultando na criação de um dos protagonistas mais adorados da literatura inglesa. Em um mundo pós-moderno, no qual as adaptações se tornaram cada vez mais comuns, a transposição do universo literário do detetive para a TV chama a atenção, especialmente, por ser desafiadora não apenas por se tratar da transposição do verbal para o visual, mas, também, por sua transferência para o “reino” do mundo hospitalar.

Este trabalho propôs, através do estudo da qualificação descritiva de Charaudeau (2008), compreender como as tão amadas características principais de Holmes são definidas e entender como essas mesmas características são exibidas em House. Com base em estudo feito por Ricoeur (2000), concebeu-se a ideia de que, na verdade, pode-se interpretar a intertextualidade existente entre as duas obras como resultado de uma metáfora entre o médico americano e o detetive londrino. House não é Holmes, mas vive e se comporta como ele.

Considerando a crescente popularidade de adaptações de obras literárias para o universo cinematográfico/televisivo, a importância de estudos como este deve ser ressaltada,

especialmente em um mundo onde a imagem tem ocupado, cada vez mais, o papel principal em nosso dia a dia. Adaptações como esta desafiam o telespectador e podem, inclusive, resultar em um estímulo à leitura/releitura de obras clássicas como a de Conan Doyle.

ABSTRACT

The present article intends, starting from the view of the qualification proposal by Charaudeau, analyse the construction of the character Sherlock Holmes, created by Sir Arthur Conan Doyle. In the main character of the TV show *House*, it is seen a metaphor of the London detective and it is intended to explain the occurrence of this linguistic phenomenon with the studies VI and VII by Ricoeur (2000). After the definition of this process, it is intended to analyse how the transposition from the verbal (literary) universe by Doyle to the visual hospital universe was done through the study of dialogues and images.

Keywords: Qualification. Metaphor. Narrative. Descriptive.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: contexto, 2008, 249 p.

DOYLE, A. C. **The Complete Stories of Sherlock Holmes**. Wordsworth: London, 2007, 1408 p.

HUTCHEON, Linda. **A theory of adaptation**. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2006, 232 p.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980, 276 p.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000, 337p.

RICOEUR, P. **Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II**. Tradução de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés, 1989, 330 p.

RICOEUR, P. **A metáfora viva**. São Paulo: Edições Loyola, 2000, 251 p.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2012, 227 p.

SANT'ANNA, A. R. **Paródia, Paráfrase & CIA**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003, 207 p.